

Efeitos póstumos?
Mas que dizer de Walt Whitman?
O “bom poeta encanecido”.
Seria um fantasma, com toda a sua carnalidade?

O bom poeta encanecido.
Efeitos póstumos. Fantasmas.

Uma certa insistência diabólica. Um certo caldo horrível de ingredientes humanos. Uma certa estridência e pompa. Um certo alarde na beatitude.

DEMOCRACIA! ESTES ESTADOS UNIDOS!
APARIÇÕES! AMANTES, INTERMINÁVEIS AMANTES!

IDENTIDADE ÚNICA!
IDENTIDADE ÚNICA!

EU SOU AQUELE QUE ARDE DE AMOR AMANTE.

Acreditam em mim, quando falo de efeitos póstumos?

Quando o *Pequod* se afundou, deixou muitos vapores reles e sujos a sulcar ainda os mares. O *Pequod* afunda-se com todas as suas almas, mas os corpos destas vêm de novo à tona para equipar inúmeros vapores vagabundos e pacotes cruzadores de oceanos. Cadáveres.

O que queremos com isto dizer é que as pessoas podem continuar, avançar, seguir em frente, mesmo sem alma. Têm o seu eu e a sua vontade própria; e isso basta para as manter em andamento.

Portanto, como vêm, o naufrágio do *Pequod* não passou afinal de uma tragédia metafísica. O mundo continua exactamente na mesma. O navio da *alma* afundou-se. Mas o corpo manipulador de engrenagens funciona exactamente da mesma maneira: digere, masca pastilha elástica, admira Botticelli e arde de amor amante.

O que me dizem a isto? EU SOU AQUELE QUE ARDE. Primeira generalização. Primeira universalização incómoda. DE AMOR! AMANTE! Oh, santo Deus! Antes uma dor de barriga. Uma dor de barriga, pelo menos, é localizada. Mas o MAL DE AMOR AMANTE!

Imaginem que semelhante mal vos atormentava. Nem mais, nem menos!

EU SOU AQUELE QUE ARDE DE AMOR AMANTE.

Walter, deixa-te disso. Tu não és AQUELE. És simplesmente um limitado Walter. E o teu ardor não inclui todo o Amor Amante, nem por sombras. Se ardes, ardes apenas de uma pequena parcela de amor amante, e é tanto o que fica de fora do invólucro do teu ardor que poderias manifestar um pouco mais de moderação.

EU SOU AQUELE QUE ARDE DE AMOR AMANTE.

UUU-U-U-U! UUU-U-U! UUU-U-U!

U-U-U-U-U-UUUUU!

Faz lembrar uma máquina a vapor. Uma locomotiva. As únicas coisas que a meu ver ardem de amor amante. Todo aquele vapor lá dentro. Quarenta milhões de pé-libras de pressão. A dor do AMOR AMANTE. A pressão do vapor. UUU-U-U!

Um homem vulgar arde de amor por Belinda, ou pela Terra Natal, ou pelo Mar, ou pelas Estrelas, ou pela Alma Suprema — se sentir que é moda arder por alguma coisa.

Só mesmo uma máquina a vapor consegue arder de AMOR AMANTE. De todo o amor que existe.

Walter, de facto, era demasiado sobre-humano. O perigo do super-homem está no facto de ser mecânico.

Fala-se muito da sua “animalidade esplêndida”. Pois bem, era no cérebro que a tinha, se o cérebro é lugar onde caiba a animalidade.

Eu sou aquele que arde de amor amante:
Pois não gravita a terra, pois não atrai toda a ma-
[téria, ardendo, a matéria toda?
Assim o meu corpo ao encontro de tudo o que
[vejo ou conheço.*

Poderá haver coisa mais mecânica? A diferença entre a vida e a matéria está em que a vida, as coisas vivas, os seres vivos, tem o instinto de se afastar prontamente de *alguma* matéria, de ignorar olímpicamente a massa de quase toda a matéria, e de se virar apenas para certas parcelas de matéria cuidadosamente escolhidas. Quanto à ideia de todos os seres vivos se unirem irremediavelmente numa grande bola de neve — bom, a maior parte dos seres vivos passa a maior parte do seu tempo a fugir da imagem, do cheiro ou do som dos restantes seres vivos. Mesmo as abelhas só se reúnem à volta da sua própria rainha. E já é repugnante que baste. Imaginem toda a humanidade branca a aglomerar-se como um enxame de abelhas.

Não, Walt, assim desmascaras-te. A matéria gravita, de facto, irremediavelmente. Mas os

* “I am he that aches with amorous love:/ Does the earth gravitate, does not all matter, aching, attract all matter?/ So the body of me to all I meet or know.” [Em *I am He that Haches with Love*, em *Children of Adam, Leaves of Grass*]

homens são manhosos e astutos, e têm mil maneiras de se esquivar.

A matéria gravita *porque* é impotente e mecânica.

E se tu gravitas do mesmo modo, se o teu corpo gravita ao encontro de tudo o que vês ou conheces, deve haver em ti uma falha muito grave. Deve ter-se quebrado a mola que te impulsionava.

Deves ter sucumbido também à mecanização.

A tua Moby Dick deve de facto estar morta. Esse monstro solitário, fálico, da tua individualidade. Morto de intelectualização.

Eu só sei que o meu corpo nem por sombras gravita ao encontro de tudo o que vejo ou conheço. Verifico que sou capaz de apertar a mão a algumas pessoas. Mas na maioria nem com uma longa vara tocava.

Tens a mola quebrada, Walt Whitman. A mola da tua individualidade própria. Por isso te desagregas num grande zunido, fundindo-te com tudo.

Mataste a tua Moby Dick solitária. Ao intelectualizar o teu corpo sensual mais profundo, deste-lhe o golpe de misericórdia.

Eu sou tudo e tudo é eu e por isso somos todos Um numa Identidade Única, como o Ovo Cósmico, que já anda um tanto ou quanto estragado.